

# Evasão de divisas aumentou

**Nova Iorque.** — A enorme dívida externa latino-americana foi aproveitada em grande parte para financiar a fuga de capitais privados da região e poderia desembocar "na maior fraude do século 20", segundo afirma um professor de economia norte-americano Larry Sjaastad.

Se os capitais particulares remetidos ao exterior pudessem ser utilizados para pagar as dívidas, países como a Argentina, Brasil, Venezuela e México não estariam asfixiados como estão agora por obrigações sufocantes, acrescenta Sjaastad, que é professor da Universidade de Chicago e do Instituto de Estudos Internacionais de Genebra.

Num artigo publicado pela revista quinzenal norte-americana *Fortune*, Sjaastad destaca o seguinte: "Os cinco países devedores mais importantes da América Latina — Brasil, México, Argentina, Chile e Venezuela — acumularam dívidas no exterior que somam quase 300 bilhões de dólares. Suas obrigações se tornaram tão onerosas que segundo muitos comentaristas, será necessário encontrar uma forma de reduzir as taxas de juros ou de perdoar uma boa parte de suas dívidas.

"Um terço dos empréstimos solicitados se destinou a financiar a fuga de capitais privados dos países devedores; pessoas físicas na Argentina, México e outros países usaram o dinheiro para investir em praças como Nova Iorque, Miami e Genebra".

Sjaastad observa, mais adiante: "Quando se leva em conta tais investimentos, o quadro se altera de forma dramática. O que se apresenta então é mais um problema de déficit interno do que um problema de dívidas externas. O que surge também é a possibilidade da maior fraude do século 20".

Sjaastad apresenta os seguintes dados, os quais surgiram de um estudo realizado pela junta da Reserva Federal (Banco Central dos Estados Unidos): A dívida externa Argentina sofreu um aumento de 9 bilhões de dólares em 1980, enquanto que os investimentos de cidadãos argentinos no estrangeiro aumentaram em 6 bilhões 700 milhões de dólares, ou seja quase 75 por cento do aumento da dívida externa. Nesse mesmo ano a dívida externa mexicana experimentou um aumento de 16 bilhões 400 milhões de dólares enquanto que os cidadãos particulares desse país investiam 7 bilhões 100 milhões de dólares no exterior.

A dívida externa brasileira aumentou em 11 bilhões 200 milhões de dólares em 1980, porém os particulares brasileiros conseguiram remeter 1 bilhão e 800 milhões de dólares a países estrangeiros, apesar de um severo controle cambial.

Na Venezuela chegou-se a uma situação em que a exportação de capitais privados nesse mesmo ano ascendeu a 4 bilhões 700 milhões de dólares, ao mesmo tempo em que o país acumulava dívidas no montante de 3 bilhões 200 milhões, isto é a fuga de capitais excedeu o que se pode obter emprestado.

"Em todo o período desde que começou o aumento vertiginoso da dívida em 1973" — acentua Sjaastad — "os cidadãos particulares dos quatro países mencionados investiram quase 100 milhões de dólares no exterior".

Sjaastad calcula que estes investimentos renderam pelo menos 10 por cento por ano, de maneira que "os investimentos estrangeiros em mãos de particulares argentinos, brasileiros, mexicanos e venezuelanos chegaram à magnífica soma de 146 bilhões. Como a dívida global destes quatro países é calculada em 272 bilhões de dólares, a dívida líquida deles fica reduzida a 126 bilhões. Se for calculada uma taxa de juros média de 10 por cento, os juros a pagar sobre a dívida líquida seriam de apenas 12 bilhões 600 milhões de dólares anuais, o que dificilmente poderia se classificar como uma carga onerosa para países com um produto bruto combinado de 500 bilhões de dólares e um volume de exportações anuais de 70 bilhões.

"Então por que se faz tanto estalar o dinheiro? Por que um país atrás do outro é arrastado, espremeado e gritando, ao Fundo Monetário Internacional para que se lhe apliquem palmadas pelo seu desempenho em política fiscal? A resposta é que os investimentos no exterior são propriedade de particulares enquanto que as divisas externas que possibilitaram seus investimentos são obrigações de governo. O governo argentino, por exemplo, tem que pagar quase toda a dívida externa nacional de 45 bilhões, sem contar com qualquer ajuda dos 31 bilhões 500 bilhões de dólares que cidadãos argentinos possuem no exterior.

"Nisso reside — conclui Sjaastad — a possibilidade da grande fraude. As obrigações externas são em grande parte dívidas de entidades soberanas, sujeitas a sanções ou repúdio, se os governos não podem ou não querem pagar. Os investimentos externos, entretanto, são de particulares, de maneira que se a Argentina não cumpre suas obrigações financeiras, os bancos norte-americanos não podem embargar os depósitos de cidadãos argentinos".

"A essência da questão, pois, é um programa fiscal interno. Quando o presidente Alfonsín pede ajuda externa para "salvar a democracia na Argentina" o faz porque não pode induzir os cidadãos argentinos (que investiram no exterior) a pagar as dívidas deles mesmos. Os argentinos que possuem investimentos no exterior aparentemente dão maior valor à segurança financeira que a liberdade política".

**Tucuman (Argentina)** — Os representantes dos 21 países latino-americanos e do Caribe exportadores de açúcar chegaram à conclusão, depois de quatro dias de discussões, que a indústria açucareira está passando por uma grave crise e somente poderá se salvar da catástrofe econômica concentrando maiores esforços no uso dos subprodutos da cana, principalmente o bagaço para papel e o álcool como combustível.

Nas discussões finais, os delegados lamentaram a "não existência" de um acordo internacional com validade para o açúcar. Mencionaram o fracasso de uma tentativa feita em Genebra em julho passado para estruturar um novo acordo, que, com cláusulas econômicas regulamentadoras da produção e exportação, permitiria aos produtores latino-americanos a solução da crise atual.

O preço da libra-peso do açúcar é de 5 centavos de dólar nos mercados internacionais, quando há dez anos era de 60 centavos de dólar.